



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS BACHARELADO**

BRUNA GOMES DE MACÊDO

**ENTRE A ROÇA E A HORTA: LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA CÓRREGO FUNDO, BREJINHO DE NAZARÉ TO.**

Porto Nacional, TO

2023

Bruna Gomes de Macêdo

**ENTRE A ROÇA E A HORTA: LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA CÓRREGO FUNDO, BREJINHO DE NAZARÉ TO**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Porto Nacional para obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas.

Orientadora: Dra Elineide Eugênio Marques

Porto Nacional, TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

G633e Gomes, Bruna de Macêdo.
Entre a Roça e a horta: Levantamento Etnobotânico na Comunidade Quilombola Córrego Fundo, Brejinho de Nazaré TO. / Bruna de Macêdo Gomes. – Porto Nacional, TO, 2023.
57 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Ciências Biológicas, 2023.

Orientadora : Elineide Eugênio Marques

1. Etnobiologia. 2. Povos Tradicionais. 3. Quilombo. 4. Plantas. I. Título

CDD 570

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bruna Gomes de Macêdo

Entre a roça e a horta: Levantamento Etnobotânico na Comunidade Quilombola Córrego
Fundo, Brejinho de Nazaré TO

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Porto Nacional, foi avaliada para obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 27\11\2023

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Elineide Eugênio Marques UFT

Prof. Dra. Patricia Siqueira Melo Rodrigues

Prof. Dra. Maria do Carmo P. Santos

“Meu caminho é novo, mas meu povo não
Meu coração de fogo vem do coração do meu
país.”

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me conceder um pouco de saúde mental para concluir essa etapa da minha vida, e a minha família que não mediu esforço para me ajudar afetivamente e financeiramente. Obrigada pai pelos pix e pelo apoio, espero um dia recompensar todo investimento. Mãe obrigada por tudo. Pelos conselhos, por ser minha inspiração para ingressar na Biologia. Obrigada aos meus irmãos Brena, Bruno, Sandy e Cesar, por deixarem os meus dias mais leves, em especial a minha irmã mais velha por sempre estar comigo e me apoiar em tudo. Agradeço ao meu sobrinho Bryan, por ser tão amoroso e atencioso.

Agradeço às minhas avós Lucia e Maria, que são inspirações de mulheres fortes e batalhadoras, e ao meu avô Marcial, pelo apoio financeiro e afetivo. Obrigada por escutar minhas longas explicações. Agradeço ao meu tio Marciel, que sempre me ajudou, desde o início da graduação em todos os aspectos. Amo todos vocês!

Agradeço à associação da Comunidade Quilombola Córrego Fundo e à todos que dividiram seus conhecimentos e que me ensinaram muito. Agradeço ao José Lopes, José Soares e Lucia Carvalho e que foram a base de toda a pesquisa e, em especial, à Hedisley Gomes Soares (*in memoriam*), que não mediram esforços para me ajudar, pela vivência e experiência de cada um de vocês precisa ser reconhecida e valorizada. Agradeço também a Nati e ao Elian, por me ajudar durante as entrevistas e a ex-presidente da associação Raimunda Ramalho por todo apoio durante a elaboração da pesquisa.

A minha querida orientadora Elineide, que foi um presente que a graduação me trouxe, sou muito grata por tudo, conselhos, broncas e fofocas. Saiba que a senhora foi muito além de uma professora, uma amiga que quero levar para vida e uma inspiração como profissional parte da formação acadêmica e profissional da Bruna veio por meio dos seus ensinamentos. As minhas amigas de estágio Agnalia, Brenda e Cristiana obrigada por cada momento vocês são maravilhosas amo vocês.

Agradeço em especial as minhas amigas da faculdade meu grupo das 12 (Adrielly, Cristiana, Agnalia, Brenda, Maju, Tai, Letícia, Jessica, Urssula e Liz) por deixar meus dias leves e descontraídos das conversas aleatórias á reclamações da comida do RU amo vocês obrigada por esses 5 anos juntas, queria agradecer especialmente a minha amiga Jessica por me dar abrigo em sua casa nos dias de luta fica aqui meu imenso agradecimento a você e sua família. A minha irmã Adrielly nem sei como agradecer sempre estivemos juntas em todos os

aspectos seja de rolês insalubres a reclamações da vida saiba que nosso encontro foi uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida acadêmica somos manteiga e bolacha. A minha amiga Cristiana nem sei como agradecer você nunca mediu esforço para me ajudar em todos os aspectos dos dinheiros emprestado (que me deixaram falida) a saídas gastronômicas para o mesmo lugar (Gregório) obrigada por tudo sua amizade foi uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida amo você. Tailaine minha amiga cozinheira e mamãe da Liz sempre responsável (nem tanto) mas uma pessoa admirável e leal amo você e sua amizade, Agnalia minha amiga querida, um coração gigante obrigada pelas longas conversas do ônibus e pelas indicação de série, Maju agradeço por tudo, saiba que eu te admiro muito, uma das pessoas mais fortes e batalhadora que eu conheço, Brenda minha amiga querida, agradeço por tudo tenho uma grande admiração por você, obrigada por sua amizade pelos conselhos e por todo carinho,(Queria falar sobre cada uma, mas seriam folhas e folhas de agradecimento amo cada uma de vocês são mulheres admiráveis).

As minhas amigas Hellen, Istefane, Marcilene, Wellma, “Zezão” e minha afilhadinha Cecilia obrigada por todo o apoio e amizade durante toda minha trajetória. Ao meu querido amigo Jonatas é uma honra viver esse sonho com você futuros biólogos, sou grata por tudo, pelos momentos juntos, risadas foi uma vida toda aturando um ao outro obrigada por trazer a flora nas nossas vidas amo vocês, e a minha querida amiga\prima Poliana por sempre me receber em sua casa e me levar para os rolês apocalípticos e a minha Lara por sempre pensar em mim principalmente nos almoços, sou muito grata por sua amizade. Agradeço também ao meu grupinho da fazenda (Diferente dos iguais) por todo apoio e incentivo amo todos vocês.

Agradeço ao laboratório de geoprocessamento em especial ao professor Sandro e ao Pedro, que não mediu esforço para ajudar na elaboração de todos os mapas. Ao professor Mac David pela ajuda e dicas de formatação e ao Herbário da Universidade do Tocantins principalmente ao Davi pelas ajudas, principalmente na identificação das espécies que foram essenciais para pesquisa.

RESUMO

O uso das plantas para diversas finalidades é um conhecimento repassado entre gerações. Diante disso, o conhecimento etnobotânico é um elemento essencial para a diversidade cultural e socioambiental, sendo os povos tradicionais um dos principais responsáveis pela continuidade desse saber. Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa foi realizar o levantamento etnobotânico na comunidade quilombola Córrego Fundo, localizada no município de Brejinho de Nazaré – TO, e buscou relatar o uso e o cultivo ancestral de plantas na comunidade. Visando colaborar na valorização do conhecimento etnobotânico, especialmente quanto ao ensino de jovens e crianças em relação ao reconhecimento do saber tradicional da comunidade. Foram identificadas 109 espécies, 96 gêneros e 50 famílias. A família Fabaceae foi a mais representativa com 9 espécies, o gênero mais citado foi *Citrus* com 4 espécies. As plantas de uso medicinal foram as mais citadas entre os colaboradores assim como as de uso alimentar, especialmente as que são cultivadas pela comunidade. O município de Brejinho de Nazaré passou por diversas modificações principalmente no uso e ocupação do solo que se caracterizou pela perda de floresta e aumento da agropecuária entre as décadas de 1990 a 2020 de acordo com os dados do MapBioma, ocorreu a perda de 14,95% das florestas e aumento de 16,80% da área ocupada pela agropecuária. As alterações antrópicas na comunidade quilombola Córrego fundo afetaram a disponibilidade de recursos, perda de espécies, aumento da temperatura, diminuição da água e das chuvas e impactos socioculturais em relação as memórias dos moradores da comunidade.

Palavras-chaves: Etnobiologia; Povos Tradicionais; Quilombo; Plantas.

ABSTRACT

The use of plants for various purposes is knowledge passed down through generations. In this context, ethnobotanical knowledge is an essential element for cultural and socio-environmental diversity, with traditional peoples being one of the main responsible for the continuation of this knowledge. In this sense, the objective of this research was to conduct an ethnobotanical survey in the quilombola community of Córrego Fundo, located in the municipality of Brejinho de Nazaré - TO, and sought to report the ancestral use and cultivation of plants in the community. Aiming to contribute to the valorization of ethnobotanical knowledge, especially regarding the education of young people and children in relation to the appreciation of traditional knowledge of the community. 109 species, 96 genera and 50 families were identified. The Fabaceae family was the most representative with 9 species, and the most mentioned genus was Citrus with 4 species. Medicinal plants were the most mentioned among the collaborators, as well as food plants, especially those cultivated by the community. The municipality of Brejinho de Nazaré underwent several modifications, mainly in land use and occupation, characterized by the loss of forests and the increase in agriculture and livestock farming between the decades from 1990 to 2020, according to MapBioma data. There was a loss of 14.95% of forests and an increase of 16.80% in the area occupied by agriculture and livestock farming. Anthropogenic changes in the quilombola community of Córrego Fundo have affected the availability of resources, loss of species, increase in temperature, decrease in water and rainfall, and socio-cultural impacts in relation to the memories of the community residents.

Key-words: Ethnobiology; Traditional Peoples; Quilombo; Plants.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1. Localização da Comunidade Quilombola Córrego Fundo no município de Brejinho de Nazaré, TO.....	20
Figura 2. Cuidados diários nas hortas, pela Dona Lucia Nunes Gomes de Carvalho em julho de 2023. Fonte: Arquivo pessoal	26
Figura 3. Coleta da seiva de sangra d`água para preparo de remédio pelo Marcial Gomes Soares, morador da Comunidade Córrego Fundo em julho de 2023. Fonte; arquivo pessoal	27
Figura 4. Cobertura do solo no município de Brejinho de Nazaré – TO, no período entre 1990 e 2020. Fonte: MapBioma 2023.....	29
Figura 5. Uso e ocupação do solo do município de Brejinho de Nazaré, Tocantins.....	30
Figura 6. Utilização da água para manutenção das plantas no entrono da residência de Lucia Nunes Gomes de Carvalho julho de 2023. Fonte: arquivo pessoal	31
Figura 7. Plantação de bananas da roça do senhor José Lopes Sampaio outubro de 2023. Fonte: arquivo pessoal.....	32
Figura 8. Substituição da vegetação nativa pela monocultura no entorno da Escola na Comunidade Quilombola Córrego Fundo em outubro 2023. Fonte: arquivo pessoal	33
Figura 9. Área de monocultura no entrono do território da Comunidade Quilombola Córrego Fundo. Fonte: arquivo pessoal	34
Figura 10. entrada da região Cordilheira do Mundo, Pé de Serra da comunidade Quilombola Córrego Fundo em outubro de 2023 exemplificando o contraste entre as áreas de uso quilombola e de monocultura. Fonte: arquivo pessoal	35
Figura 11. Coleta de Sangra D´água conduzida pelo senhor Marcial Gomes Soares em julho de 2023. Fonte: arquivo pessoal.....	1
Figura 12. Dona Lúcia Nunes Gomes de Carvalho demonstrando seus saberes em relação ao plantio de hortas em julho de 2023. Fonte: arquivo pessoal	2
Figura 13. Colheita de banana feita na roça da dona Lúcia Nunes de Carvalho e Marcial Gomes Soares julho de 2023. Fonte arquivo pessoal	3
Figura 14. Cultivo do jambu em hortas na Comunidade Córrego Fundo em julho de 2022. Fonte: arquivo pessoal.....	4
Figura 15. Cabaça cultivada dentro das roças da Comunidade Quilombola Córrego Fundo em julho de 2023. Fonte: arquivo pessoal	5
Figura 16. Pequizeiro encontrado próximo a casa dos moradores da comunidade Quilombola Córrego Fundo em julho de 2022. Fonte: arquivo pessoal.....	6

Figura 17. Bucha vegetal cultivada nas roças da Comunidade Córrego Fundo em julho de 2023. Fonte: arquivo pessoal.....	7
Figura 18. Goiabeira cultivada na Comunidade Quilombola Córrego Fundo em julho de 2023. Fonte: arquivo pessoal.....	8
Figura 19. Mamona cultivada na Comunidade Quilombola Córrego Fundo em julho de 2023. Fonte: arquivo pessoal.....	9
Figura 20. Colheita de Açafrão feita na horta da dona Lucia Nunes Gomes de Carvalho em julho de 2023. Fonte: arquivo pessoal.....	10

QUADROS

Quadro 1. Definição das categorias utilizadas na descrição das alterações da cobertura do solo no município de Brejinho de Nazaré-TO	23
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Comunidade quilombola	15
1.1.1 Comunidade Quilombola Córrego fundo	16
1.2 Etnobiologia e conhecimento etnobotânico	17
2 OBJETIVO	19
2.1 Objetivo Geral	19
2.2 Objetivos Específicos	19
3 MATERIAIS E MÉTODOS.....	20
3.1 Área de estudo	20
3.2 Coleta de dados.....	21
4 RESULTADO E DISCUSSÃO	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERENCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento e a utilização das plantas estão intimamente correlacionados com a evolução da humanidade e exemplificam as relações da sociedade com a natureza. Dos Santos (2020), apresenta relatos de dificuldades de reconhecimento do ambiente no ano de 2008, especificamente com o uso de plantas, por ucranianos que chegaram ao estado do Paraná, ilustrando a conexão do sujeito com seu lugar.

O Brasil é considerado o país com uma das maiores diversidades de plantas do mundo, sendo também aquele no qual encontram-se ribeirinhos, povos originais de etnias diversas e migrantes de outros países, que convivem em ambientes urbanos e rurais. O uso das plantas no que se refere ao conhecimento tradicional, apresenta uma gama de possibilidades que coloca o país no centro da pesquisa de indústrias farmacológicas e outras (CAMPOS; CORREIA; MARISCO, 2020).

No início da década de 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estimou que cerca de 80% da população de países subdesenvolvidos utilizava plantas medicinais como forma primária para o combate de doenças. No Brasil a disseminação desse conhecimento se deu através dos povos tradicionais, e as práticas e técnicas de uso estão enraizadas até os dias atuais dentro dessas comunidades (CHIARA CORREIA, 2011).

O território é a base para a continuidade das práticas culturais estabelecidas por meio das relações com os elementos da natureza e as alterações das paisagens são percebidas pelas comunidades. O uso dos recursos naturais, incluindo as plantas, é apreendido a partir da convivência entre os sujeitos e desses com o ambiente. Com isso, a identidade quilombola está intimamente relacionada ao território (MALCHER, 2009).

Destaca-se o uso ancestral das plantas para fins alimentares, medicinais, de lazer, construtivo, decoração, artesanato, religioso e outros. A utilização desses recursos demonstra uma relação íntima e tradicional entre a sociedade e a natureza, muitas vezes em risco tanto pelo desconhecimento como pelo desrespeito e desvalorização dos conhecimentos tradicionais. Em alguns casos, esses são lembrados e/ou utilizados apenas em momentos de prospecção de alternativas e/ou produtos e/ou tecnologias como ponto de partida em algumas pesquisas. A valorização do conhecimento e do uso de práticas terapêuticas foi defendido por Rocha et al. (2021) em um estudo de revisão bibliográfica no qual ressalta a importância das políticas públicas para o uso de plantas medicinais associado à saúde.

Nesse sentido as comunidades tradicionais têm um papel insubstituível pois representam uma biblioteca viva desse conhecimento, muitas vezes não descritos na literatura e passado entre as gerações. Destacam-se os povos tradicionais (indígenas) e quilombolas que utilizam técnicas exclusivas do uso terapêutico de plantas que são disseminados oralmente ao longo da história (COUTINHO et al., 2002). Em diversas comunidades esse conhecimento empírico não é descrito e muitas técnicas e cultivos do uso das plantas ainda são desconhecidas.

Diante desse contexto, a pesquisa em etnobotânica na comunidade quilombola Córrego Fundo, localizada no município de Brejinho de Nazaré – TO, busca: fazer o levantamento da utilizadas pela comunidade para diversos fins (alimentação, medicina, construção, artesanato, rituais religiosos e outros); e descrever a forma de cultivo e de manutenção das plantas na comunidade. A pesquisa tem como foco o registro do conhecimento empírico transmitido oralmente entre as gerações, que muitas vezes não é descrito na literatura.

A relevância do estudo está na valorização do conhecimento tradicional e incentivo à preservação da cultura e das tradições das comunidades quilombolas que são fundamentais para a promoção da diversidade cultural e socioambiental, especialmente do conhecimento etnobotânico e das relações das comunidades com seus territórios, fundamentais para a continuidade das práticas culturais.

1.1 Comunidade quilombola

A formação dos grupos de escravo foi um marco importante para todo o mundo pois foi uma forma de luta e resistência (REIS, 1996). No Brasil esses grupos denominados de quilombos pode ser definido como a ‘luta pela liberdade’, existem 3.524 comunidades quilombolas auto reconhecidas no país (FUNDAÇÃO PALMARES, 2022).

Mesmo a lei 4.887/2003 garantindo a cidadania aos quilombolas as comunidades são muitas vezes são questionadas. Assim, é necessária a organização dessas comunidades na busca por seus direitos que permanecem como problema político e social (TAFFAREL, 2016).

Por outro lado, essas comunidades contribuem para a diversidade sociocultural/socioambiental. Seu modo de vida e as relações entre essas sociedades e a natureza representam um bem coletivo, contribuindo com a continuidade de populações e como fonte do conhecimento transmitido entre as gerações de modo ancestral.

No estado do Tocantins, criado em 1989, a luta para reconhecimento dessas comunidades permanece. Oficialmente são reconhecidas 44 comunidades (T1 NOTÍCIAS,

2017), as quais têm documento de reconhecimento demarcando suas áreas e com políticas voltadas para atendê-las. Outras três não são auto reconhecidas, estão organizadas e aguardam o reconhecimento oficial. E existem três com o processo aberto no Incra e lutam para o reconhecimento e a formação dos territórios étnicos, nessa situação a comunidade que se localiza no sudoeste do estado do Tocantins (Córrego Fundo).

1.1.1 Comunidade Quilombola Córrego fundo

Em 20 de novembro de 2003 a publicação Decreto de nº. 4.887/039 (JUSBRASIL,2023), concedeu o direito a regularização das terras dos quilombos remanescentes sendo um marco importante para todas as comunidades quilombolas do Brasil (MARQUES, 2014). Em 20 de janeiro de 2006 a comunidade quilombola Córrego Fundo foi auto reconhecida pela fundação Cultural dos Palmares (FCP) (Processo 01420.002358/2005-10), certificado na portaria nº 38.749, o que garantiu o direito a identidade e regularização das Terras (PALMARES, 2016).

Desde 2006 conta com lideranças da Associação local da comunidade quilombola Córrego Fundo e mantém a mobilização visando a delimitação do território no município de Brejinho de Nazaré – TO. Atualmente, a Joislana Kisley Rodrigues de Oliveira, é a Terceira mulher a ocupar o cargo de presidente da associação, que conta com cerca de 200 associados. Em 2014, segundo Marques (2014), cerca de 26 famílias residiam na comunidade, contudo parte de seus integrantes deixou o local em busca de trabalhos e/ ou estudos ou outros, e mantém contato com o quilombo e com as famílias. Contudo a passagem do conhecimento entre as gerações tem sido enfraquecida/fragilizada pelo distanciamento.

O conhecimento etnobotânico está fortemente inserido em comunidades tradicionais, contudo, o uso de plantas é versátil e demonstra a relação com os costumes tradicionais adquiridos ao longo dos anos. A luta pela visibilidade das comunidades quilombolas do estado do Tocantins segundo Marques (2014), permite demonstrar a similaridade e a exclusividade das comunidades quilombolas do Tocantins quanto ao uso de plantas.

A comunidade está inserida na área rural do município de Brejinho de Nazaré, à cerca de 26 km do perímetro urbano. O território da comunidade Córrego Fundo está inserido numa área de vegetação com fitofisionomias de Domínio Cerrado, cercada por lavouras de soja/milho/eucalipto. Os moradores da comunidade geralmente fazem plantio de hortaliças e outros - melancia, abacaxi, mandioca, feijão, arroz, milho, maxixe, quiabo e outros - que

servem de fonte de alimento e de renda (MARQUES, 2014). Utilizam também a vegetação natural como fonte de recurso - frutos, semente, fibras, fitoterápicos e outros.

1.2 Etnobiologia e conhecimento etnobotânico

A Etnobiologia é uma ciência interdisciplinar que se relaciona com a Antropologia e etnometodologia, visando compreender a biodinâmica humana em comunidades com conhecimento biológico (DOS SANTOS et al., 2003). Dentre os estudos abrangidos pela Etnobiologia, o conhecimento etnobotânico se destaca por buscar compreender a relação da sociedade com a natureza e a evolução do espaço e tempo (DE ALBUQUERQUE et al., 2022). A valorização do saber popular é de suma importância para o ensino e a contribuição da Etnobiologia nesse sentido, é fundamental, através do diálogo sobre as práticas ancestrais (SILVA, 2018).

A proteção do conhecimento tradicional é tratada como uma esfera internacional refletida em organismo multilateral com a Organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura (ZANIRATO; RIBEIRO 2007). Preservar esse conhecimento é essencial para a construção de uma sociedade valorizando a história e cultura. No Brasil as interações culturais são fortemente influenciadas por indígenas e quilombolas, por meio da vivência e experiência desses grupos na busca de sustento e qualidade de vida (LIPORACCI; SIMÃO 2013).

A Etnobiologia é uma ciência que visa a ligação entre os hábitos tradicionais e representa um aspecto evolutivo da humanidade, de suma importância para a valorização do saber popular, e entra em questões tradicionais e científicas através de diálogos sobre as práticas ancestrais (BAPTISTA, 2007). “A ciência é a percepção racional da realidade” (OGAWA, 1995). Nesse sentido a relação entre a sociedade e a natureza é uma ciência que visa a ligação entre os hábitos tradicionais.

A relação entre o homem e a natureza representa um aspecto evolutivo na humanidade e entra em contato com as raízes e valorização do saber popular, pois os métodos tradicionais contribuem para a formação dos cidadãos e com as questões políticas e sustentáveis (SIQUEIRA et al., 2014). A etnobotânica busca o conhecimento de significado cultural através das técnicas tradicionais do uso das plantas. Trata-se de uma questão fundamental para os valores culturais de uma determinada comunidade.

A partir do uso dos recursos vegetais permitiu-se uma infinidade de conhecimento correlacionados com a forma de viver das comunidades que se disseminou. Os hábitos e costumes em relação ao uso das plantas vêm sendo estudados em comunidades tradicionais

visando compreender a relação etnobotânica sob a visão desses grupos (LEMOS; ARAUJO 2015). Os estudos etnobotânicos auxiliam no resgate e preservação do conhecimento tradicional das pessoas em relação ao uso, manejo e a relação com o ambiente. Sendo esse conhecimento é transmitido oralmente entre gerações e é fortemente inserido em comunidades tradicionais, tornando-se uma tradição entre os povos contemporâneos (LEITE, 2013).

A etnobotânica busca o conhecimento de significado cultural através das técnicas tradicionais do uso das plantas. O estudo etnobotânico está muito além da pesquisa sobre as plantas, trata-se de uma questão fundamental para os valores culturais de uma comunidade (PASA, 2011).

Os recursos da biodiversidade são fundamentais para padrões econômicos, e a cultura das comunidades demonstra uma relação simbólica com a natureza que deve ser estudada e preservada (FONCECA-KRUEL et al., 2004). Sabendo dessa importância sobre o uso das plantas que se refere a um saber empírico, os conhecimentos etnobotânicos são uma ferramenta fundamental para o resgate do saber ancestral. A relação do homem ao longo da história com as plantas está ligada ao conhecimento científico voltado para o uso sustentável desses recursos (ZARDO et al., 2016).

No Brasil, uma das maiores dificuldades enfrentadas com base no conhecimento etnobotânico consiste na perda da flora e conseqüentemente a perda da biodiversidade de plantas (DA SILVA et al., 2015). No estado do Tocantins destaca-se a expansão da atividade agropecuária e o desmatamento que afetam a diversidade, a disponibilidade hídrica, a qualidade do ar, o solo e saúde humana, bem como as perdas culturais (GOMES, 2019).

Com base no conhecimento tradicional que contribui para aspectos socioculturais, essa pesquisa tem como objetivo realizar o levantamento das plantas na comunidade quilombola Córrego Fundo visando o conhecimento etnobotânico. O estudo etnobotânico vai além da pesquisa sobre as plantas e trata-se de uma questão fundamental para os valores culturais de uma determinada comunidade, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e a preservação da biodiversidade.

2 OBJETIVO

2.1 Objetivo Geral

Realizar o levantamento etnobotânico na Comunidade Quilombola Córrego Fundo, no município de Brejinho de Nazaré - Tocantins, visando o incentivo de crianças e jovens quanto ao uso das plantas no dia a dia e do conhecimento tradicional ancestral.

2.2 Objetivos Específicos

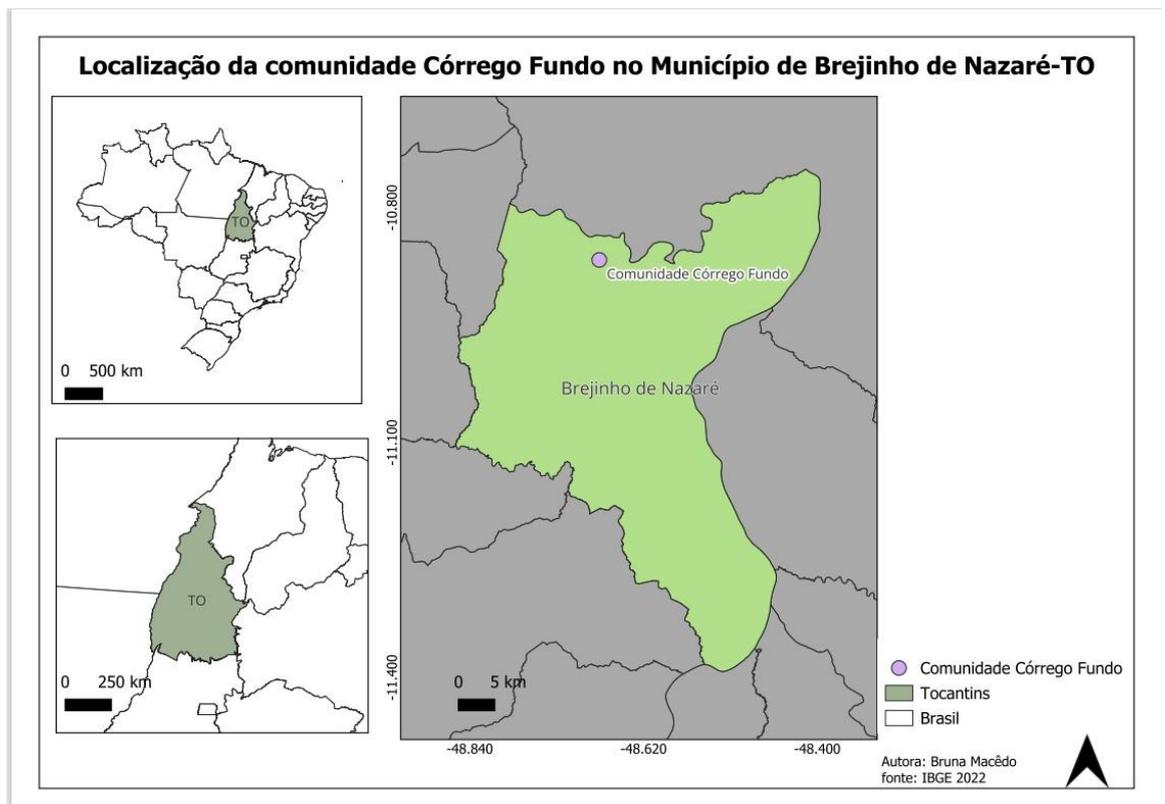
- Listar as plantas utilizadas e seu uso na comunidade.
- Categorizar as espécies utilizadas em nativas e não nativas e suas utilidades, bem como cultivo e manutenção na comunidade.
- Descrever a percepção da perda das formações naturais para as atividades agropecuárias e a dos seus efeitos nas plantas.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Área de estudo

O estudo foi realizado na comunidade quilombola Córrego Fundo, que está situada em Brejinho de Nazaré (TO) (Figura 1). O município está localizado na região central do estado, às margens do rio Tocantins e entre as sub-bacias dos rios Conceição e Crixás (Figura 1). Possui uma área territorial de 1.722,590 km², densidade demográfica de 3,01hab./km², e se encontra há 115 km da capital do estado (IBGE ,2023) A vegetação nativa de Cerrado é o principal tipo de cobertura, mas apresenta muitas áreas antropizadas.

Figura 1. Localização da Comunidade Quilombola Córrego Fundo no município de Brejinho de Nazaré, TO.



Fonte: IBGE,2022. Autora: Bruna Macêdo

A comunidade Córrego Fundo está localizada na zona rural de Brejinho de Nazaré à cerca de 26 km do perímetro urbano da cidade. o território pré-definido para demarcação da área apresenta vários córregos e nascentes em seu entorno, dentre os quais encontra-se o Córrego Fundo que denominou do território da comunidade.

Na organização social da comunidade pode-se reconhecer três subdivisões de acordo com os residentes do local, baseadas nas características do ambiente. A região Pé de Serra

(região próxima a cordilheira da serra ou “espinhaço do mundo”), Barreiro (terreno de difícil acesso com propriedades privadas) e Córrego Fundo (local afastado da serra e próxima ao córrego Fundo que abastece a comunidade), trata-se de um ambiente heterogêneo (MARQUES, 2014). A demarcação do território quilombola encontra-se ainda pendente Número do processo 54400.001309/2006-37 (INCRA).

3.2 Coleta de dados

O estudo foi realizado na Comunidade Quilombola Córrego Fundo, localizada no município de Brejinho de Nazaré Tocantins.

Primeiramente foram realizadas várias visitas à comunidade, entre os meses de julho de 2022 a maio de 2023, com os moradores, especialmente familiares que moram desde a juventude no local. Essas conversas foram longas, informais e descontraídas. Nesses momentos falou-se muito sobre plantas, cultivos e seus usos, com caminhadas pelos quintais e roças, durante os quais foram realizadas anotações das observações em caderno de campo, especialmente sobre as espécies, indicações de usos e forma de cultivo. Os moradores estavam à vontade e empolgados em compartilhar seus conhecimentos, inclusive solicitando o registro fotográfico do momento. Realizou-se também a coleta de espécimes para identificação. Essas informações foram utilizadas para compor a listagem das espécies utilizadas pelos moradores da comunidade.

Os dados foram analisados de acordo com os saberes da Comunidade Quilombola Córrego Fundo, durante a coleta foi estabelecido a etnotaxonomia, visando descrever o nome das espécies, obedecendo a pronúncia do colaborador, dessa forma os resultados foram baseados nos saberes dos entrevistados em relação as plantas, as alterações realizadas ocorreram apenas na descrição do nome científico das espécies.

No período de julho a outubro de 2023, foram realizadas novas visitas, agora com a realização de entrevistas semiestruturadas conduzidas com colaboradores da comunidade em campo - autorização do Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) número 69311923.2.0000.5519 (Anexo I). Nesse segundo momento os entrevistados foram localizados utilizando a técnica “Bola de Neve” (HECKATHORN, 1997), na qual um entrevistado indica os demais sucessivamente. O colaborador inicial foi identificado a partir da idade, considerando os mais idosos, por se tratar de um conhecimento intergeracional. O critério utilizado para o término das entrevistas foram as repetições de informação.

A abordagem por meio de entrevista semiestruturada consiste na em um diálogo conduzido pela interação de pesquisador / colaborador, utilizando um roteiro que orienta o diálogo (Apêndice I). Nesse caso, com o objetivo de compreender a forma de cultivo, as técnicas e a percepção das plantas utilizadas pela comunidade.

Além das entrevistas, foi realizada a complementação da coleta de material para a montagem de exsicatas, o que foi fundamental para confirmar a identificação das espécies. As plantas coletadas foram encaminhadas para o Herbário da Universidade Federal do Tocantins (HTO) localizado no Campus de Porto Nacional onde foi secas em estufa e identificado. Foi realizado, também, o registro fotográfico das espécies, destacando suas partes reprodutivas, como flores e frutos.

O registro dos colaboradores e envolvidos foi realizado apenas quando solicitado pelos mesmos, pois desejam associar sua imagem às informações repassadas. Nesse caso, foi solicitada a assinatura da autorização de uso da imagem pelo colaborador (Anexo II). As entrevistas foram gravadas em áudio e depois transcritas para a obtenção de resultados.

As plantas levantadas durante os trabalhos de campo e/ou entrevistas foram listadas e categorizadas com relação ao seu uso em: medicinal, alimentar, religião e higiene, de acordo com as informações da comunidade, e seu status de nativa / não nativas, com base no Re flora (2023) do mesmo modo, foi realizada a análise qualitativa da percepção sobre as mudanças ocorridas no entorno por meio da identificação de palavras relacionadas a essas mudanças ditas nas entrevistas.

As alterações antrópicas ocorridas na cobertura vegetal foram analisadas utilizando a plataforma digital Mapbioma (2023), com análise das imagens considerando os anos de 1990, 2000, 2010, 2020, no município de Brejinho de Nazaré-TO, onde a comunidade está inserida. Para essa análise considerou-se as categorias de cobertura do solo agrupadas em: áreas de floresta, formação natural não florestal, áreas não florestadas, agropecuária e corpos d'água (Quadro I). Esses dados foram utilizados para confrontar as percepções da comunidade em relação às mudanças no entorno.

Quadro I. Definição das categorias utilizadas na descrição das alterações da cobertura do solo no município de Brejinho de Nazaré-TO.

Categorias	Descrição
Floresta	formação florestal; formação savânica; mangue; floresta alagável; restinga arbórea.
Formação natural não florestal	campo alagado e área pantanosa; formação campestre; apicum; afloramento rochoso restinga herbácea outras formações não florestais
Agropecuária	pastagem; agricultura; silvicultura; mosaico de usos.
Área não vegetada	área urbanizadas; mineração; outras áreas não vegetadas
Corpo d'água	rio, lago e oceano; aquicultura.

Fonte: MapBioma,2023

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados são provenientes das anotações realizadas em caderno de campo durante a observação participante e de entrevistas realizadas com três sujeitos colaboradores do estudo. O texto trata primeiramente do levantamento das plantas utilizadas pela comunidade, suas formas de uso, cultivo e manutenção relatados de modo geral pela Comunidade, além, das informações obtidas nas entrevistas com os moradores sobre sua percepção sobre o uso das plantas e sobre as modificações relacionadas ao uso do território no entorno da área. Na sequência, o uso e ocupação do solo no município de Brejinho de Nazaré, obtidas por meio da plataforma Mapbiomas, são apresentados e relacionados com a percepção dos colaboradores.

Foram identificados 109 tipos de plantas utilizadas pela comunidade, sendo representantes de 48 famílias, que são classificadas como medicinais, alimentícias, religiosas e para higiene. Dessas, 29 tem uso alimentar (26,6%), 38 medicinal (34,7%), 2 para religiosidade/crenças (1,8%), 1 para higiene (0,9%); outras foram colocadas em mais que uma categoria, sendo que 38 (34,7%), têm uso medicinal e alimentar e 1 (0,9%) para higiene e alimentação (Apêndice |B).

O maior número de espécies citadas pelos colaboradores, estão relacionadas ao uso medicinal e alimentar. Essas plantas são versáteis e incluem o coentro do Pará, hortelã, taioba, entre outras. Foram observadas, 38 espécies apenas para fins medicinais (alfavaca, sambaíba, aroeira e outras) que são cultivadas e encontradas nas proximidades das casas dos moradores. As espécies utilizadas para higiene (bucha vegetal) e religião (tipi e espada de São Jorge) são cultivadas nos quintais dos moradores. A mutamba que é também alimentícia, é usada para limpeza capilar e na produção de rapadura.

A categorização das plantas em nativas / não nativas foi possível para 109 espécies, 45 nativas e 64 não nativas de Cerrado. A família mais representativa foi Fabaceae (9 espécies), algumas de ciclo rápido como o andu, soja e fava, outras de ciclo mais longo como sucupira, barbatimão e tamarindo, mas de fácil adaptação em áreas de domínio cerrado (PASA, 2021). Do mesmo modo o gênero mais representativo foi *Citrus* com quatro espécies (mexerica, limão, laranja e lima).

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com três moradores da comunidade, e, como as respostas às questões propostas foram semelhantes, considerou-se a amostragem suficiente para representar os sujeitos do local. Alguns colaboradores foram fotografados, pois solicitaram que seus nomes estivessem associados à informação da pesquisa.

Os entrevistados, dois homens e uma mulher, com idades variando entre 60 e 80 anos, dois nascidos no local e um que chegou com oito anos de idade, ainda criança, logo após a formação da comunidade, que foi iniciada em 1938 (MARQUES, 2014). Assim, acompanharam todas as modificações ocorridas dentro e fora da comunidade.

Sobre a relação com as plantas, os homens mostraram-se mais interessados pelas plantas alimentícias, principalmente as que são cultivadas como inhame, banana, mandioca e outras, e indicaram cerca de 10 a 15 espécies. Por outro lado, as mulheres de modo geral, nomearam um número maior de espécies e estão interessadas nos cuidados e na observação das plantas ao seu redor, principalmente o uso deste recurso para manutenção da saúde, no tratamento de enfermidades como aroeira, mastruz, buriti e outras.

O uso dos vegetais é uma adaptação ao ambiente, sendo o território a base para permanência e sustento dos povos principalmente das comunidades tradicionais (DE JESUS, 2015). Segundo os colaboradores, o uso dos recursos vegetais permite o sustento das famílias e o conhecimento sobre as plantas e seu modo de cultivo garantem a sobrevivência e a qualidade de vida, pois sabem o que estão ingerindo e as formas de preparo, passada entre as gerações.

Em relação ao uso das plantas e suas finalidades a valorização do saber ancestral é essencial e a relação com o território são a base para a disseminação desse conhecimento uma vez que, o sustento vem do cultivo e do trabalho braçal que contribui para preservação da tradição e cultura mantendo a história e resistência desses grupos. Do mesmo modo o conhecimento da forma e do momento correto de se coletar sementes, semear, fazer a poda e a colheita, e selecionar as plantas e suas partes (folhas, raízes, flores, casca e outras) para preparação dos produtos medicinais, alimentícios ou destinados a outras finalidades.

Nesse sentido, os moradores da comunidade quilombola Córrego Fundo destacaram a importância do uso das plantas para sobrevivência principalmente em relação as plantas de uso alimentar e medicinal. Em um trecho da entrevista o colaborador descreve a importância das plantas em relação ao uso alimentar e medicinal, diz ele: “*As plantas eram mais sadias que os plantios de hoje*”. (José Lopes Sampaio, em entrevista concedida para a autora em pesquisa de campo, 2023). O colaborador relata que os plantios orgânicos são benéficos ao ser humano e que os mais velhos que utilizam desses recursos são mais saudáveis que os mais jovens que consomem alimentos e remédios industrializados.

O cultivo das plantas em roças e hortas para fins alimentícios, medicinais e outros, requer conhecimento do comportamento da planta e do lugar de plantio. Algumas plantas são encontradas próximo às casas ou em matas no entorno da comunidade, sem necessidade de que sejam cultivadas, como o pequi, buriti, sangra d'água e outros. No geral, são espécies nativas

e/ou abundantes na região. No entanto, outras, necessitam de cuidados diários, como as espécies não nativas, ou são encontradas nos pomares dos quintais - goiaba, caju, manga e outros.

A roça é o principal meio de produção de alimentos dentro da comunidade. Os plantios são feitos no período de outubro a março. Porém, são ajustados de acordo com o período chuvoso. Para os plantios, primeiro se faz uma análise do solo da área onde será feita a lavoura, a plantação pode ocorrer em solo fértil, sem a necessidade de adubação, e em solo fraco, com a presença de cascalho, terra arenosa e “barro preto”, e em áreas de Cerrado que necessita de preparado com adubos orgânicos, principalmente esterco, calcário e outros.

As hortas estão próximas as casas e precisam de cuidados diários para serem mantidas durante o ano todo (Figura 2). Nelas se cultivam principalmente as plantas utilizadas como temperos (cebolinha, coentro, açafrão e outros) e de uso medicinal (hortelã, boldo, alfavaca e outros).

Figura 2. Cuidados diários nas hortas, pela Dona Lucia Nunes Gomes de Carvalho em julho de 2023.



Fonte: Arquivo pessoal,2023. Autora: Bruna Macedo

As práticas de cultivo também são uma tradição. Transmitida oralmente entre gerações, dos pais para os filhos, esse conhecimento se mantém ao longo dos anos. Os sistemas empregados para o plantio estão ligados ao conhecimento dos ciclos e respeito à natureza, fortalecendo a identidade cultural das comunidades quilombolas. O reconhecimento e manutenção desse conhecimento é importante para valorização dos saberes tradicionais uma vez que cada comunidade possui sua singularidade (Figura 3).

Figura 3. Coleta da seiva de sangra d'água para preparo de remédio pelo Marcial Gomes Soares, morador da Comunidade Córrego Fundo em julho de 2023. Fonte; arquivo pessoal



Fonte; arquivo pessoal, 2023. Autora: Bruna Macêdo

A manutenção do conhecimento quanto ao uso das plantas na comunidade vem da prática de cultivo. “As práticas de cultivo é uma herança dos pais para os filhos.” (José Lopes Sampaio em entrevista concedida para a autora em pesquisa de campo, 2023). O trabalho com a terra, de modo braçal, combinado com as técnicas usadas para o plantio, como o uso do calendário lunar e do ciclo de chuvas por exemplo, para manutenção das hortas constituem um legado intergeracional. As experiências dos sujeitos e suas vivências ao longo da vida se

acumulam ao longo dos anos e os mais velhos contribuem para a continuidade dos saberes e conservação dos recursos dos quais são dependentes (FERREIRA, 2010).

A alimentação é uma prioridade para os sujeitos da comunidade, sendo uma prioridade em relação ao trabalho: *“alimentação em primeiro lugar, aí vem o trabalho.”* (José Dias Soares em entrevista concedida para a autora em pesquisa de campo, 2023). Durante as entrevistas e as visitas de campo observou-se que os conhecimentos dos homens estão relacionados principalmente ao plantio das roças e as formas de cultivar. As mulheres, por outro lado, dominam os conhecimentos a respeito do plantio em hortas e sobre o uso das plantas para seus respectivos fins. Contudo não há exclusividade no compartilhamento dos conhecimentos pois há sujeitos que transitam entre a roça e a horta. Isso advém de aspectos culturais onde o homem e a mulher possuem um papel dentro das comunidades tradicionais (OLIVEIRA; ANDRADE, 2020).

Conforme o trabalho de Almeida (2010), A relação entre os quilombolas e o território é evidenciada como patrimônio cultural, o que é descrito pelos colaboradores sobre o uso dos recursos vegetais, sendo uma preocupação em não estragar a mata.

“A madeira, nós mexe, madeira de serie ou madeira para fazer algum móvel, a gente pode fazer, agora só não pode estragar a mata reserva, essa mata aí todinha é tudo reserva, nós tem direito de trabalhar nesse mato.” (José Dias Soares em entrevista concedida para a autora em pesquisa de campo, outubro 2023).

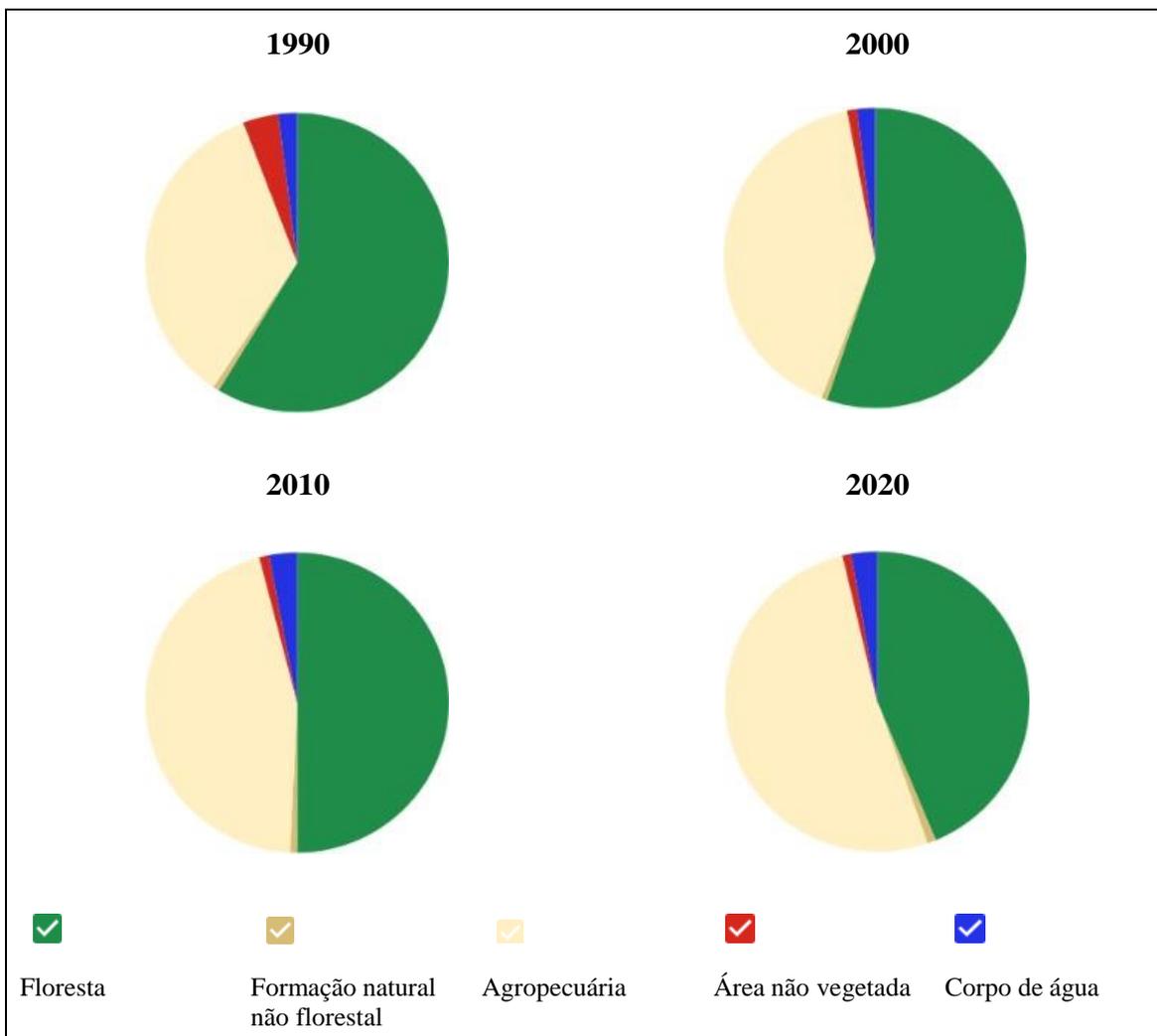
O colaborador retrata o direito de uso dos recursos dentro da comunidade para o trabalho e reforça a importância de preservar as matas dentro da comunidade para que esteja sempre disponível.

A vegetação está sendo reduzida com o avanço das atividades agropecuárias no entorno: *“Essas lavouras de soja foi uma derrota por que ninguém conhecia esses plantios, mas essa soja é um plantio inventado.”* (José Dias Soares em entrevista concedida para a autora em pesquisa de campo, outubro 2023). O colaborador relata sobre os plantios de soja que chegou como uma cultura alienígena, ninguém conhecia, e a considera como um retrocesso quando em suas palavras a caracteriza como “uma derrota” para o ambiente e, conseqüentemente para a comunidade.

Dessa forma, as modificações na vegetação interferiram no modo de vida da comunidade e na disponibilidade de recursos. Afetou a abundância e levou a perda de espécies utilizadas pela comunidade, com relatos de perda de árvores frutíferas, como corriola e bacupari, diminuição de espécies nativas, como pequi e buriti, bem como, na diminuição da chuva, aumento da temperatura e diminuição da água.

As modificações da cobertura do solo no município de Brejinho de Nazaré foram percebidas pela comunidade quilombola Córrego Fundo. As alterações entre 1990 a 2020 caracterizaram-se pela redução de 14,9% das áreas de floresta, que foram substituídas principalmente pela agropecuária, com o aumento de 16,8%. Além disso, observou-se o aumento da área ocupada pela água, decorrente da formação do reservatório da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães, localizada no rio Tocantins à cerca de 120 km à jusante, no município de Lajeado-TO, e finalizada em 2001 – Figuras 4 e 5.

Figura 4. Cobertura do solo no município de Brejinho de Nazaré – TO, no período entre 1990 e 2020.

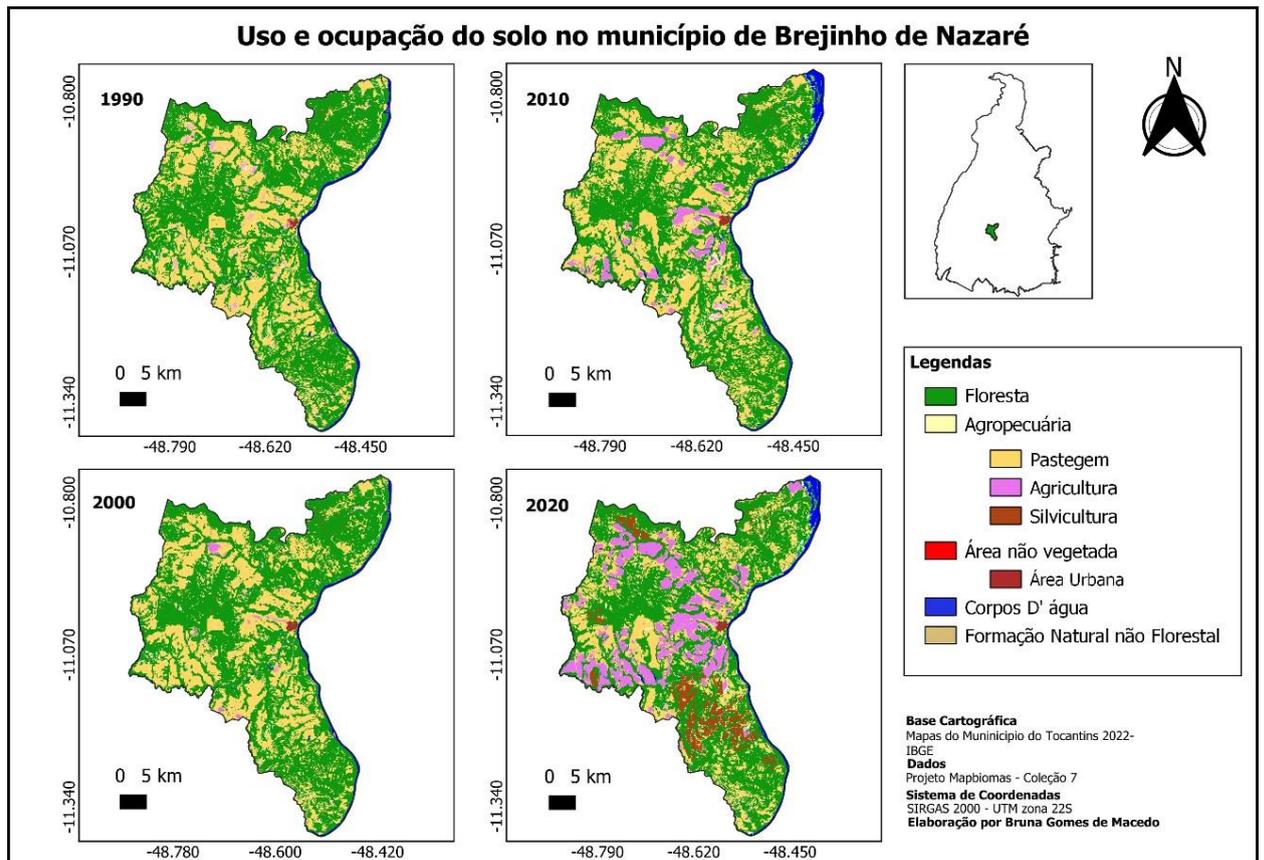


Fonte: MapBioma, 2023.

Dessa forma, os impactos sofridos ao longo das décadas, possui uma implicância negativa, a perda da vegetação natural para o setor agropecuário foi refletida principalmente nas áreas rurais do município e conseqüentemente nas comunidades tradicionais dentro do território, apesar da geração de emprego os impactos negativos foram superiores, tendo em vista

as mudanças climáticas e perda da biodiversidade, é válido ressaltar que essas modificações interferiram na dinâmica social e socioambiental desses grupos étnicos dentre esses, destaca-se a comunidade quilombola Córrego fundo que foi altamente degradada devido a essas alterações ambientais.

Figura 5. Uso e ocupação do solo do município de Brejinho de Nazaré, Tocantins.



Fonte: MapBioma, (2023), Sistema de Coordenadas: Geográficas, Datum: SIRGAS 2000. Autor: Bruna Macedo (Org.)

As áreas de floresta foram substituídas pelas culturas temporárias, tais como soja, milho e cana-de-açúcar, assim como pelas culturas permanentes como o plantio de eucalipto, que registrou um crescimento de 10% entre 1990 e 2020 (Figura 5), de acordo com dados do MapBiomas (2023). Em virtude do aumento das atividades de monocultura, temporárias ou não, ocorreram perdas irreparáveis na vegetação no município de Brejinho de Nazaré, incluindo o entorno da comunidade Córrego Fundo. Mesmo algumas áreas consideradas de preservação permanente, como encostas e vegetação ripária protegidas por lei (Código Florestal, lei 12.651 de 25 de maio de 2012 - SNIF, 2021), têm sido subtraídas em alguns locais.

Diante desse contexto os córregos, de pequeno porte, e nascentes têm sido prejudicados devido o avanço das monoculturas. O uso de agrotóxicos e produtos químicos para a produção agrícola avança para além das fronteiras das propriedades e acabam atingindo as áreas ocupadas pelas comunidades tradicionais (MARQUES et al. 2019).

Apesar das matas localizadas próximas aos rios, córregos e nascentes na área habitada pela comunidade Córrego Fundo estarem relativamente conservadas, os efeitos da deriva dos agrotóxicos e agroquímicos pulverizados nas propriedades no entorno têm sido percebidos dentro da área quilombola. Além dos efeitos na vegetação, corre-se o risco de contaminação da água, extraída principalmente de poços subterrâneos, bem como dos alimentos cultivados e consumidos pelos moradores da comunidade (Figura 6).

Figura 6. Utilização da água para manutenção das plantas no entrono da residência de Lucia Nunes Gomes de Carvalho julho de 2023.



Fonte: arquivo pessoal, 2023. Autora: Bruna Macedo

Os impactos socioambientais são percebidos pelos moradores que ainda cultivam a terra de acordo com os conhecimentos recebidos dos ancestrais, de acordo com os ciclos da natureza (Figura 7), a exemplo de dois colaboradores entrevistado.

Figura 7. Plantação de bananas da roça do senhor José Lopes Sampaio outubro de 2023.



Fonte: arquivo pessoal, 2023. Autora: Bruna Macêdo.

As alterações na ocupação do solo afetaram diretamente a área quilombola, com mudanças acentuadas na paisagem (Figuras 8 e 9), com substituição de várias áreas de florestas e de formação natural não florestal, especialmente pela agropecuária e silvicultura (Figura 5). A tecnificação da produção agrícola implica no uso de sementes, muitas transgênicas, adubos químicos e uso de diversos tipos de agrotóxicos com efeito sobre as plantas cultivadas e utilizadas pelos sujeitos da comunidade (SILVA, 2021).

A retirada da vegetação, deixa o solo descoberto, acelerando os processos de erosão e assoreamento dos rios. Outros efeitos são decorrentes de alteração do microclima uma vez que a ausência da vegetação contribui para o aquecimento local e ressecamento do solo pelo aumento de temperatura e da circulação do ar (COSTA, 2019). Essa alteração é percebida pela

comunidade quando relatam a perda de árvores frutíferas, chuvas, água, e aumento da temperatura, sendo esses processos são mais perceptíveis nos períodos de seca, de maio a outubro.

Os colaboradores relataram lados negativos e positivos sobre a expansão das atividades agrícolas no entorno da comunidade. Os impactos positivos foram na geração de emprego para os moradores nas lavouras e os negativos a perda dos recursos vegetais próximos a comunidade, que se reflete na memória dos quilombolas que comentaram sobre as espécies que eram encontradas no percurso para escola, que hoje está cercada pelas monoculturas (Figura 7).

Figura 8. Substituição da vegetação nativa pela monocultura no entorno da Escola na Comunidade Quilombola Córrego Fundo em outubro 2023. Fonte: arquivo pessoal.



Fonte: arquivo pessoal, 2023. Autora: Bruna Macêdo.

As áreas próximas a comunidade vêm sendo alteradas e são evidenciada pelos moradores principalmente no período da seca (Figura 8) “*Acabou tudo, cada ano que passa vai diminuindo e quintura aqui tem demais*” (José Dias Soares em entrevista para autora em pesquisa de campo, 2023). O colaborador relata as dificuldades enfrentadas pela falta de vegetação e das chuvas.

Figura 9. Área de monocultura no entorno do território da Comunidade Quilombola Córrego Fundo. Fonte: arquivo pessoal.



(A) lavoura de milho no período chuvoso em abril de 2023



B) mesma áreas na seca, após a colheita do milho em outubro de 2023.

Fonte: arquivo pessoal,2023 Autora: Bruna Macêdo.

A preservação de áreas com florestas ocorre principalmente dentro da área da comunidade (Figura 10). Os colaboradores relataram o uso dos recursos de maneira sustentável pelos moradores e fizeram críticas aos novos sistemas de plantio “ *Patrolamento é um serviço sem proveito, por que eu mesmo não conhecia a soja, eu não conhecia esse tipo de coisa.*” (José Dias Soares em entrevista concedida para a autora na pesquisa de campo, outubro de 2023).

Figura 10. entrada da região Cordilheira do Mundo, Pé de Serra da comunidade Quilombola Córrego Fundo em outubro de 2023 exemplificando o contraste entre as áreas de uso quilombola e de monocultura.



Fonte: arquivo pessoal, 2023. Autora: Bruna Macêdo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de plantas pela Comunidade Quilombola Córrego Fundo reafirma as relações estreitas da comunidade com seu lugar, construídas ao longo do tempo, evidencia a diversidade das relações socioambientais, a riqueza dos conhecimentos compartilhados pelos moradores que relataram o uso de 109 espécies de plantas. Ao mesmo tempo, revela as perdas iminentes dessa diversidade socioambiental a partir das pressões externas exercidas sobre seu território, que ainda está em vias de reconhecimento.

Os moradores da Comunidade Quilombola Córrego Fundo reconhecem a importância das plantas para a saúde dos sujeitos, se preocupam com a continuidade do seu conhecimento ancestral que deve ser repassado às crianças e jovens.

A valorização das relações socioambientais, o envolvimento das crianças e jovens com o território, que necessita ser documentado oficialmente, bem como o comprometimento da educação escolar com o conhecimento e prática do uso ancestral das plantas são alternativas para que possamos compreender que as vivências entre as roças e as hortas estão repletas de conhecimento ancestral que precisa ser apreendido para valorização da vida.

REFERENCIAS

- BAILEY, K. D. *Methods of social research*. New York: McMillan Publishers, The FreePress, 1982, 553p.
- BAPTISTA, Geilsa Costa Santos. Um enfoque etnobiológico na formação do professor de ciências sensíveis à diversidade cultural: estudo de caso. *Ciência & Educação (Bauru)*, v.21, p. 585-603, 2015.
- CAMPOS, Poliana Souza Santos; CORREIA, Renata; MARISCO, Gabriele. Plantas Medicinais Utilizadas por Quilombolas na Gestaçao e Lactaçao, e Riscos no Uso Indiscriminado. *Revista Contexto & Saúde*, v. 20, n. 40, p. 236-243, 2020.
- CORREIA, Chiara Cristina Marafon. As plantas medicinais: o resgate da sabedoria popular. 2011. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização em Educação do Campo)
– Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2011.
- CÓDIGO FLORESTAL Disponível no site <https://snif.florestal.gov.br/pt-br/conservacao-das-florestas/183-areas-de-preservacao-permanente> acesso 02 de outubro de 2023.
- COSTA, Jéssica Aline Santana. As Mudanças climáticas e possíveis impactos no bioma Amazônia. 2019.
- COUTINHO, D. F.; TRAVASSOS, L. M. A.; DO AMARAL, F. M. M. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas em comunidades indígenas no Estado do Maranhão-Brasil. *Visão Acadêmica*, v. 3, n. 1, 2002.
- DA SILVA, Luiz Everson; DE QUADROS, Diomar Augusto; NETO, Alzino José Maria. Estudo etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais utilizadas na região de Matinhos-PR. *Ciência e Natura*, v. 37, n. 2, p.266-276, 2015.
- DE ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino et al. Introdução à etnobotânica. *Interciência*, 2022.
- DOS SANTOS, Valdecí; DOS SANTOS, Selma; DOS SANTOS RAMOS, Livia Daniela. Ainterface etnobiologia-educaçao: etnoconhecimentos de indivíduos da terceira idade sobre plantas medicinais e sua orientação terapêutica. *Revista Metáfora Educacional*, n.1, p. 24-37, 2003.
- DOS SANTOS BICALHO, Poliene Soares; DE FÁTIMA OLIVEIRA, Maria; DA SILVA OLIVEIRA, Fernanda Alves. Os Movimentos Indígena e Ambientalista sob o viés de análise da História Ambiental: a repercussão no Ensino de História. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 12, n. 23, p. 25-46, 2020.
- DE ALMEIDA, Maria Geralda. Territórios de quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás-patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado. **Ateliê Geográfico**, v. 4, n. 1, p. 36- 63, 2010.
- DE JESUS SILVA, Rodrigo. Repensando a premissa de adaptabilidade em comunidades tradicionais rurais: sistemas agroalimentares em transição?. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 2, n. 1, 2015.
- DE OLIVEIRA CARMO, Maria Edinalva; DE ANDRADE FERREIRA, Maria de Fátima. O papel da mulher na Comunidade remanescente do Quilombo de Fojo e sua

relação com a natureza. **ODEERE**, v. 5, n. 9, p. 281-312, 2020.

DE SOUZA FERREIRA, André Luis; PASA, Maria Corette. Estudo fitossociológico de Vegetação de Cerrado: Chapada dos Guimarães-MT, Brasil. **FLOVET-Boletim do Grupo de Pesquisa da Flora, Vegetação e Etnobotânica**, v. 1, n. 6, 2014.

FERREIRA, Maria Saleti Ferraz Dias. Lugar, recursos e saberes dos ribeirinhos do médio rioCuiabá, Mato Grosso. 2010.

FONSECA-KRUEL, Viviane Stern da; PEIXOTO, Ariane Luna. Etnobotânica na reserva extrativista marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 18, p. 177-190,2004.

FUNDAÇÃO PALMARES Tocantins, disponível em: <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/COMUNIDADES-CERTIFICADAS.pdf>. Acesso em 28 out.2022.
GOMES, Cecília Siman. Impactos da expansão do agronegócio brasileiro na conservação dosrecursos naturais. *Cadernos do Leste*, v. 19, n. 19, 2019.

HECKATHORN, D. D. (1997). Respondent-driven sampling: A new approach to the study ofhidden populations. *Social Problems*, 44(2), 174–199.

IBGE disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/brejinho-de-nazare.html>. Acesso em 20 set 2023.

JUSBRASIL, disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/98186/decreto-4887-03>. Acesso em 05 dez 2023.

LEITMAN, P.M., Filardi, F.L.R. & Forzza, R.C. 2019. Manual do Usuário – Herbário Virtual Reflora. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. V1.0, 36p.

LEITE, I. A. (2013). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em comunidade indígena no Município de Baía da Traição-PB.

LEMOS, J. R., & Araujo, J. L. (2015). Estudo etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade de Curral Velho, Luís Correia, Piauí, Brasil. *Biotemas*, 28(2), 125-136

LIPORACCI, Heitor Suriano Nascimento; SIMÃO, Daniela Guimarães. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do Bairro Novo Horizonte, Ituiutaba, MG. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 15, p. 529-540, 2013.

MALCHER, Maria Albenize Farias. Identidade quilombola e território. *Comunicações do III Fórum Mundial de Teologia e Liberdade*. Belém, v. 21, p. 399-421, 2009.

MAPBIOMA Relatório Anual do Desmatamento no Brasil 2023– São Paulo, SP – MapBiomias, 2020, 49 páginas. Disponível em: <http://alerta.mapbiomas.org>. Acesso em 05 de julho de 2023.

MARQUES, E. E.; Barbosa, E. D.; Lima, E. M.; Vieira, K. C.; Silva, K. L. F. A problemática hídrica nas terras indígenas do povo Akwe-Xerente, Tocantins, Brasil. In: Scapin, E.; Rambo, M. C. D.; Santos, M. G. (orgs). *Água e sustentabilidade na Amazônia* [recurso eletrônico]. Palmas : Eduft, 2019, p. 43-66.

MARQUES, Kátia Maria Carvalho de Moraes. A comunidade quilombola Córrego Fundo no município de Brejinho de Nazaré – TO. 2014. 121 f. Dissertação (Programa de Mestrado História, Cultura e Poder), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

OGAWA, Makoto; KURODA, Kazuyuki. Foto funções de compostos de intercalação.

Chemical Reviews, v. 95, n. 2, p. 399-438, 1995

PASA, Maria Corette. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, p. 179-196, 2011. REFLORA, disponível em: <https://reflora.jbrj.gov.br/consulta/#CondicaoTaxonCP> . Acesso em 01 out2023.

ROCHA, Luiz Paulo Bezerra et al. Uso de plantas medicinais: Histórico e relevância. Research, Society and Development, v. 10, n. 10, p. e44101018282-e44101018282, 2021.

SILVA, Maria Laura Souza; BAPTISTA, Geilsa Costa Santos. Conhecimento tradicional como instrumento para dinamização do currículo e ensino de ciências. **Gaia Scientia, João Pessoa**, v. 12, n. 4, p. 90-104, 2018.

SILVA, Clécia Pereira da. **A transição agroecológica e a atuação dos sujeitos políticos no fortalecimento da produção camponesa: um estudo sobre a experiência no Sítio Palmeira Velha, Glória do Goitá-PE**. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

SIQUEIRA, André Boccasius; PEREIRA, Samira Martins. Abordagem etnobotânica no ensino de Biologia. REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 31, n. 2, p.247-260, 2014.

TAFFAREL, Lidiane. Quilombolas: história e luta pela titulação de seu território, 2003-tempopresente, Campos Novos/SC. 2016.

T1NOTICIAS, disponível em: <https://www.t1noticias.com.br/estado/cresce-numero-de-comunidades-certificadas-como-remanescentes-de-quilombos-no-to/90437/> acesso em 05 dez.2023.

ZARDO, Andressa et al. Levantamento de informações etnobotânicas, etnofarmacológicas e farmacológicas registradas na literatura sobre *Tropaeolum majus* L.(Chaguinha). Arquivo de Ciência e Saúde UNIPAR, v. 20, n. 3, p. 195-198, 2016.

ZANIRATO, Silvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. Conhecimento tradicional e propriedade intelectual nas organizações multilaterais. **Ambiente & Sociedade**, v. 10, p. 39-55, 2007

APÊNDICE A - Lista de perguntas

Nome:

Idade: Naturalidade:

Sexo:

Feminino

Masculino

1. Tempo de vivência na comunidade?
2. Como chegou à comunidade (ou nasceu no local)?
3. Como descreve a sua relação com as plantas?
4. Você costuma utilizar plantas com quais finalidades?
5. Quais plantas que costuma utilizar (para alimentação, remédio, religião...). Como faz os preparos das plantas que utiliza?
6. Como consegue as plantas quem consome? Você costuma cultivá-las? Quais cultiva? Como?
7. Nos últimos anos notou modificações na vegetação nas terras da comunidade? Pode falar sobre suas observações? Houve perda de alguma planta que antes era encontrada com facilidade nessa área? Pode falar sobre as perdas?
8. Pode relacionar as plantas que apareceram nos últimos anos e que não eram encontradas na região?
9. Como a expansão da agricultura contribuiu para perda/ganho de espécies nativas/não nativas na comunidade?

Apêndice B. Lista de espécies vegetais e suas utilizações da Comunidade Córrego Fundo. A (alimentação); M (medicinal); H (higiene); R (religião); M,A (alimentação e medicinal); H,A (higiene e alimentação).

Nome popular	Nome científico	Gênero	Família	Utilização	Nativas	Não Nativas
Abacate	<i>Persea americana C.Bauh</i>	<i>Persea</i>	Lauraceae	A		x
Abacaxi	<i>Ananas comosus L. merril</i>	<i>Ananas</i>	Bromeliaceae	M, A		x
Abóbora	<i>Cucurbita moschata Duchesne</i>	<i>Cucurbita</i>	Cucurbitaceae	M, A		x
Açafrão	<i>Crocus sativus (L) Honck</i>	<i>Crocus</i>	Iridaceae	M, A		x
Alecrim do mato	<i>Rosmarinus sp.</i>	<i>Rosmarinus</i>	Lamiaceae	M, A		x
Alfavaca	<i>Ocimum canum L.</i>	<i>Ocimum</i>	Lamiaceae	M		x
Algodão	<i>Gossypium hirsutum L.</i>	<i>Gossypium</i>	Malvaceae	M		x
Alho	<i>Allium sp.</i>	<i>Allium</i>	Amarylidaceae	M, A		x
Amendoim	<i>Arachis hypogaea L.</i>	<i>Arachis</i>	Fabaceae	A		x
Andu	<i>Cajanus cajan</i>	<i>Cajanus</i>	Fabaceae	A		x
Anjiquim	<i>Senegalia sp.</i>	<i>Senegalia</i>	Fabaceae	M	x	
Araça	<i>Psidium sp.</i>	<i>Psidium</i>	Myrtaceae	M		x
Arnica	<i>Solidago microglossa DC.</i>	<i>Solidago</i>	Asteraceae	M	x	
Aroeira	<i>Shinus terebinthifolia Raddi</i>	<i>Shinus</i>	Anacardiaceae	M	x	
Arroz	<i>Oryza sp.</i>	<i>Oryza</i>	Poaceae	A		x
Articum ou Bruto	<i>Annona coriacea Mart.</i>	<i>Annona</i>	Annonaceae	M	x	
Assa peixe	<i>Vernonia polysphaera (Spreng.) Less</i>	<i>Vernonia</i>	Asteraceae	M		x
Bacaba	<i>Oenocarpus bacaba (Mart)</i>	<i>Oenocarpus</i>	Arecaceae	A	x	
Bacupari	<i>Salacia elliptica</i>	<i>Salacia</i>	Celastraceae	A	x	
Banana	<i>Musa sp.</i>	<i>Musa</i>	Musaceae	A		x
Barbatimão	<i>Syphonodendron adstringens (Mart.)</i>	<i>Syphonodendron</i>	Fabaceae	M	x	
Batata amarga	<i>Ipomoea sp.</i>	<i>Ipomoea</i>	Convolvulácea	M		x
Batata comum	<i>Ipomoea sp.</i>	<i>Ipomoea</i>	Convolvulácea	M		x
Batata doce	<i>Ipomoea sp.</i>	<i>Ipomoea</i>	Convolvulácea	A		x
Beterraba	<i>Beta vulgaris L.</i>	<i>Beta</i>	Amaranthaceae	M, A		x
Boldo	<i>Plectranthus ornatus Codd.</i>	<i>Plectranthus</i>	Lamiaceae	M		x
Bucha vegetal	<i>Luffa cylindrica L.</i>	<i>Luffa</i>	Cucurbitaceae	H	x	

Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i> L.	<i>Mauritia</i>	Arecaceae	M, A	x	
Buriritirana	<i>Mauritiella armata</i> Mart.	<i>Mauritiella</i>	Arecaceae	M		x
Cabaça	<i>Lagenária vulgaris</i> (Ser.)	<i>Lagenára</i>	Cucurbitaceae	M		x
Cagaita	<i>Eugenia dysenterica</i> D.C	<i>Eugenia</i>	Myrtaceae	M, A		x
Caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	<i>Anacardium</i>	Anacardiaceae	M, A	x	
Cana	<i>Saccharum officinarum</i> L.	<i>Saccharum</i>	Poaceae	M, A		x
Canela	<i>Nectandra</i> sp.	<i>Nectandra</i>	Lauraceae	M, A		x
Cansanção	<i>Jatropha</i> sp.	<i>Jatropha</i>	Euphorbiaceae	M	x	
Cebolinha	<i>Allium fistulosum</i> L.	<i>Allium</i>	Amarylidaceae	A		x
Cenoura	<i>Daucus</i> sp.	<i>Daucus</i>	Apiaceae	M, A		x
Coco	<i>Cocos nucifera</i> L.	<i>Cocos</i>	Arecaceae	A		x
Coco Macauba	<i>Acrocomia aculeata</i>	<i>Acrocomia</i>	Arecaceae	M, A	x	
Coentro do Pará	<i>Eryngium foetidum</i> L.	<i>Eryngium</i>	Apiaceae	M, A		x
Couve	<i>Brassica oleracea</i> L.	<i>Brassica</i>	Brassicaceae	A		x
Cravinho	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merrill	<i>Syzygium</i>	Myrtaceae	M, A		x
Cupuaçu	<i>Theobroma grandiflorum</i> K. Schum	<i>Theobeoma</i>	Malvaceae	A		x
Curriola	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart) Radlk	<i>Pouteira</i>	Sapotaceae	A	x	
Erva Cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.	<i>Melissa</i>	Verbenaceae	M, A		x
Erva Doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.	<i>Pimpinella</i>	Apiaceae	M, A		x
Espada de São Jorge	<i>Sansevieria Thumb</i>	<i>Sansevieira</i>	Asparagaceae	R		x
Fava	<i>Phaseolus</i> sp.	<i>Phaseolus</i>	Fabaceae	A		x
Folha de carne	<i>Pereskia</i> sp.	<i>Pereskia</i>	Cacteaceae	M	x	
Folha santa	<i>Citrosma guianensis</i> (Aubl.) Tul.	<i>Citrosma</i>	Apocynaceae	M	x	
Gergilim	<i>Sesamum</i> sp.	<i>Sesamum</i>	Pedaliaceae	M, A		x
Gervão	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	<i>Stachytarpheta</i>	Verbenaceae	M	x	
Goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	<i>Psidium</i>	Myrtaceae	M, A		x
Gueroba	<i>Syagrus oleracea</i>	<i>Syagrus</i>	Arecaceae	A	x	
Hortelã grande	<i>Plectranthus amboinicus</i> Lour	<i>Plectrantuhs</i>	Lamiaceae	M, A		x
Hortelã pequeno	<i>Menha</i> cf. <i>sipicata</i> L.	<i>Menha</i>	Lamiaceae	M, A		x
Inhame	<i>Dioscorea alata</i> L.	<i>Dioscorea</i>	Dioscoreaceae	A		x

Inharé	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Sw.	<i>Brosimum</i>	Moraceae	M	x	
Jaborandi	<i>Piper aduncum</i> L.	<i>Pilocarpus</i>	Rutaceae	M, A		x
Jambu	<i>Spilanthes acmella</i> L.	<i>Spilanthes</i>	Asteraceae	M	x	
Jilo	<i>Solanum gilo</i> Raddi	<i>Solanum</i>	Solanaceae	A		x
Laranja	<i>Citrus sinensis</i> L.	<i>Citrus</i>	Rutaceae	M, A		x
Lima	<i>Citrus limetoides</i> Tanaka	<i>Citrus</i>	Rutaceae	A		x
Limão	<i>Citrus limon</i> L. Burmann f.	<i>Citrus</i>	Rutaceae	M, A		x
Mamão	<i>Carica papaya</i> L.	<i>Carica</i>	Caricaceae	M, A		x
Mandioca	<i>Manihot esculenta</i> crantz	<i>Manihot</i>	Euphorbiaceae	M, A	x	
Manga	<i>mangifera indica</i> L.	<i>Mangifera</i>	Anacardiaceae	A		x
Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	<i>Hancornia</i>	Apocynaceae	A	x	
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims	<i>Passiflora</i>	Passifloraceae	M, A		x
Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i> L.	<i>Dysphania</i>	Amaranthaceae	M		x
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i> L.	<i>Cucumis</i>	Cucurbitaceae	A		x
Melancia	<i>Citrullus vulgaris</i> L.	<i>Citrullus</i>	Cucurbitaceae	A		x
Melão são caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	<i>Momordica</i>	Cucurbitaceae	M	x	
Mentrassto	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	<i>Ageratum</i>	Eupatorieae	M	x	
Mexerica	<i>Citrus reticulada</i> (L.) Osbeck	<i>Citrus</i>	Rutaceae	A		x
Milho	<i>Zea mays</i> L.	<i>Zea</i>	Poaceae	M, A		x
Morango	<i>Fragaria cesca</i> L.	<i>Fragaria</i>	Rosáceas	A		x
Moreira	<i>Dietes</i> sp.	<i>Dietes</i>	Iridaceae	M	x	
Mucuiba	<i>Virola</i> sp.	<i>Virola</i>	Myrtaceae	M	x	
Mulatinha	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart.	<i>Aeollanthus</i>	Lamiaceae	M	x	
Murici	<i>Byrsonima crassifolia</i> L.	<i>Byrsonima</i>	Malpighiaceae	A	x	
Mutanba	<i>Guazuma</i> sp.	<i>Guazuma</i>	Malvaceae	H, A	x	
Negramina	<i>Siparuna guianensis</i> Aublet	<i>Siparuna</i>	Siparunaceae	M	x	
Neovalgina	<i>Achiellea millefolium</i> L.	<i>Achiellea</i>	Asteraceae	M		x
Ora pro nobis	<i>Pereskia</i> sp.	<i>Pereskia</i>	Cacteaceae	M, A	x	
Pacari	<i>Lafoensia pacari</i> A. St-Hil.	<i>Lafoensia</i>	Lythraceae	M, A	x	
Pepino	<i>Cucumis sativus</i> L.	<i>Cucumis</i>	Cucurbitaceae	A		x
Pequi	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess	<i>Cariocar</i>	Cariocaraceae	M, A	x	
Pião Roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	<i>Jatropha</i>	Euphorbiaceae	M	x	
Pião Verde	<i>Jatropha curcas</i> L.	<i>Jatropha</i>	Euphorbiaceae	M		x

Pinha ou Ata	<i>Annona sp.</i>	<i>Annona</i>	Annonaceae	A	x	
Pulsar	<i>Mouriri grandiflora D.C</i> <i>Articles</i>	<i>Mouriri</i>	Melastomataceae	A		x
Quiabo	<i>Abelmoschus esculentus L.</i>	<i>Abelmoschus</i>	Malvaceae	M, A		x
Quina	<i>Coutarea hexandra Schum</i>	<i>Coutarea</i>	Rubiaceae	M	x	
Sambaiba	<i>Curatella americana L</i>	<i>Curatella</i>	Dilleniaceae	M	x	
Sambaibinha	<i>Curatella sp.</i>	<i>Curatella</i>	Dilleniaceae	M	x	
Sangra D'água	<i>Croton urucurana Baill.</i>	<i>Croton</i>	Euphorbiaceae	M	x	
Seriguela	<i>Spondias purpurea L.</i>	<i>Spondias</i>	Anacardiaceae	M, A		x
Sete dor	<i>Plectranthus barbatus Andrews</i>	<i>Plectranthus</i>	Lamiaceae	M		x
Soja	<i>Gycine max L.</i>	<i>Gycine</i>	Fabaceae	M, A		x
Sucupira	<i>Bowdichia virgilioides Kunth</i>	<i>Bowdichia</i>	Fabaceae	M	x	
Taioba	<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (<i>L.)Shott</i>	<i>Xanthosoma</i>	Araceae	M, A	x	
Tamarindo	<i>Tamarindus indica L.</i>	<i>Tamarindus</i>	Fabaceae	A		x
Tipi	<i>Petiveria alliacea L.</i>	<i>Petiveria</i>	Phytolaccaceae	R		
Tomate	<i>Solanum lycopersicum</i>	<i>Solanum</i>	Solanaceae	M, A		x
Urucum	<i>Bixa sp.</i>	<i>Bixa</i>	Cochlospermaceae	M, A		x
Velame	<i>Croton heliotropiifolius Kunth</i>	<i>Croton</i>	Euphorbiaceae	M	x	
Vinagreira	<i>Hibicus sabdariffa L. A</i>	<i>Hibicus</i>	Malvaceae	M, A		x
Vinharco	<i>Plathymenia foliolosa</i>	<i>Plathymenia</i>	Fabaceae	M	x	

Apêndice C - Imagens obtidas em campo durante a pesquisa.

Figura 11. Coleta de Sangra D'água conduzida pelo senhor Marcial Gomes Soares em julho de 2023. Fonte: arquivo pessoal



Figura 12. Dona Lúcia Nunes Gomes de Carvalho demonstrando seus saberes em relação ao plantio de hortas em julho de 2023. Fonte: arquivo pessoal



Figura 13. Colheita de banana feita na roça da dona Lúcia Nunes de Carvalho e Marcial Gomes Soares julho de 2023. Fonte arquivo pessoal.



Figura 14. Cultivo do jambu em hortas na Comunidade Córrego Fundo em julho de 2022. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 15. Cabaça cultivada dentro das roças da Comunidade Quilombola Córrego Fundo em julho de 2023. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 16. Pequizeiro encontrado próximo a casa dos moradores da comunidade Quilombola Córrego Fundo em julho de 2022. Fonte: arquivo pessoal



Figura 17. Bucha vegetal cultivada nas roças da Comunidade Córrego Fundo em julho de 2023. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 18. Goiabeira cultivada na Comunidade Quilombola Córrego Fundo em julho de 2023. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 19. Mamona cultivada na Comunidade Quilombola Córrego Fundo em julho de 2023. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 20. Colheita de Açafrão feita na horta da dona Lucia Nunes Gomes de Carvalho em julho de 2023. Fonte: arquivo pessoal.



Anexo A – Parecer consubstanciado do CEP

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS -
UFT



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Levantamento Etnobotânico na Comunidade Quilombola Córrego Fundo, Brejinho de Nazaré Tocantins

Pesquisador: ELINEIDE EUGENIO MARQUES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 69311923.2.0000.5519

Instituição Proponente: Fundação Universidade Federal do Tocantins

Patrocinador Principal: Fundação Universidade Federal do Tocantins

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.153.529

Apresentação do Projeto:

O uso das plantas para diversas finalidades é um conhecimento repassado entre gerações. Diante disso, o conhecimento etnobotânico é um elemento essencial para a diversidade cultural e socioambiental, sendo os povos tradicionais um dos principais responsáveis pela continuidade desse saber. Esses conhecimentos são singulares e, muitas vezes, não descritos, tornando as comunidades uma biblioteca viva. Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é realizar o levantamento etnobotânico na comunidade quilombola Córrego Fundo, localizada no município de Brejinho de Nazaré – TO e relatar o uso, o preparo e o cultivo ancestral de plantas na comunidade. Visa colaborar na valorização do conhecimento etnobotânico, especialmente quanto ao ensino de jovens e crianças em relação à valorização do conhecimento tradicional e ancestral da comunidade.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

compreender o uso, o preparo e o cultivo ancestral das plantas na comunidade, bem como a relação entre a comunidade e seu território contribuindo para a valorização do conhecimento etnobotânico e para a preservação da cultura e tradições da comunidade.

Objetivo Secundário:

Endereço: Quadra 109 Norte, Av. Ns 15, ALCNO 14, Prédio da Reitoria, 2º Pavimento, Sala 16.
Bairro: Plano Diretor Norte **CEP:** 77.001-090
UF: TO **Município:** PALMAS
Telefone: (63)3229-4023 **E-mail:** cep_uft@uft.edu.br

Anexo B - Termo de autorização de imagem

Eu, _____,

AUTORIZO o uso da minha imagem na pesquisa, intitulada “Levantamento etnobotânico na comunidade quilombola Córrego Fundo, Brejinho de Nazaré”. Fica autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma., ____ de _____ de _____.

(Assinatura)